

LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA FORMAÇÃO ANTIRRACISTA**CRITICAL RACIAL LITERACY AND PEDAGOGICAL PRACTICES IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL: CONTRIBUTIONS TO AN ANTI-RACIST TRAINING** <https://doi.org/10.63330/armv2n1-010>

Submetido em: 02/02/2026 e Publicado em: 05/02/2026

Priscila de Freitas MachadoPedagoga (PUC-GOIÁS); Mestre em Educação (UFT); Professora na Rede Municipal de Palmas-TO
E-mail: primachado.pedagogia@gmail.com**RESUMO**

Este artigo analisa como o letramento racial crítico pode ser implementado nos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir de práticas pedagógicas antirracistas, com base em estudos qualitativos e narrativas docentes. A pesquisa parte do pressuposto de que a formação identitária e o combate ao racismo estrutural devem ser iniciados no ciclo de alfabetização, considerando a influência da escola na construção de subjetividades. A fundamentação teórica se ancora em autores como Aparecida de Jesus Ferreira, Nilma Lino Gomes, Paulo Freire e Bell Hooks, articulando conceitos de letramento, infância, identidade racial e educação crítica. A metodologia empregada compreende revisão bibliográfica e análise de experiências pedagógicas documentadas. Os resultados indicam que o uso de literatura infantil afrocentrada, a valorização de narrativas negras e a formação continuada docente são estratégias potentes para o enfrentamento do racismo na escola. Conclui-se que é imprescindível que o letramento racial crítico esteja inserido nas práticas cotidianas dos anos iniciais do Ensino Fundamental como forma de garantir uma educação equitativa, plural e antidiscriminatória.

Palavras-chave: Letramento racial crítico; Anos iniciais do Ensino Fundamental; Identidade; Racismo; Literatura infantil.

ABSTRACT

This article analyzes how critical racial literacy can be implemented in the early years of Elementary School based on anti-racist pedagogical practices, based on qualitative studies and teaching narratives. The research is based on the assumption that identity formation and the fight against structural racism must begin in the literacy cycle, considering the influence of school on the construction of subjectivities. The theoretical foundation is anchored in authors such as Aparecida de Jesus Ferreira, Nilma Lino Gomes, Paulo Freire and Bell Hooks, articulating concepts of literacy, childhood, racial identity and critical education. The



methodology used comprises bibliographical review and analysis of documented pedagogical experiences. The results indicate that the use of Afro-centered children's literature, the valorization of black narratives and continuing teacher training are powerful strategies for confronting racism at school. It is concluded that it is essential that critical racial literacy is included in everyday practices in the early years of Elementary School as a way of guaranteeing an equitable, plural and anti-discriminatory education.

Keywords: Critical racial literacy; Early years of Elementary School; Identity; Racism; Children's literature.

1 INTRODUÇÃO

No cenário educacional brasileiro, o debate sobre as relações étnico-raciais tem ganhado espaço crescente, especialmente a partir da promulgação da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas. Entretanto, sua efetivação encontra entraves nos contextos escolares, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, momento sensível de constituição de identidades, valores e visões de mundo. É nesse ciclo que ocorre a alfabetização das crianças, um processo que vai além da codificação e decodificação de palavras, envolvendo também práticas de letramento que moldam os modos de ser e existir no mundo.

A ausência de uma abordagem consistente e crítica sobre as relações raciais nesse período pode reforçar estereótipos e reproduzir desigualdades simbólicas, tornando urgente a inserção de práticas pedagógicas que contemplem a pluralidade étnico-cultural brasileira. Assim, reconhecer o espaço da escola como um território de disputa de narrativas e significados é condição fundamental para que o processo de alfabetização contribua para a formação de sujeitos conscientes, críticos e comprometidos com a equidade racial.

O conceito de letramento racial crítico, originado nos estudos da Teoria Racial Crítica (Critical Race Theory), permite compreender como a linguagem e a leitura do mundo estão atravessadas por marcadores sociais da diferença, como raça, classe e gênero. No contexto escolar, esse letramento pressupõe práticas pedagógicas que enfrentem o racismo estrutural, problematizem as representações hegemônicas e promovam a valorização das identidades negras e indígenas desde os primeiros anos de escolarização. Trata-se, portanto, de um movimento epistemológico e político que questiona a neutralidade do currículo e as hierarquias de saberes instituídas, defendendo a incorporação de vozes historicamente silenciadas no processo educativo. A adoção de práticas de letramento racial crítico implica também na formação continuada de educadores, na revisão dos materiais didáticos e na criação de espaços de diálogo que permitam às crianças reconhecerem-se como protagonistas de suas próprias histórias e culturas.



Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar o papel do letramento racial crítico nas práticas pedagógicas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com ênfase no ciclo de alfabetização, e sua contribuição para a formação de uma educação antirracista. A partir de revisão bibliográfica e análise de experiências documentadas, busca-se compreender de que maneira a literatura infantil, a escuta ativa das infâncias e a formação docente crítica podem potencializar a construção de ambientes educativos que valorizem a diversidade étnico-racial.

Justifica-se este estudo pela urgência de práticas educacionais que enfrentem o racismo de maneira estruturada e intencional, contribuindo para a superação das desigualdades raciais historicamente consolidadas no Brasil. Com base nos aportes teóricos de Ferreira (2014, 2015), Gomes (2005, 2017), Freire (1996, 2005) e Hooks (2013), propomos discutir caminhos para que o letramento racial crítico se inscreva de forma efetiva nas práticas escolares cotidianas, constituindo-se como parte integrante de uma educação comprometida com a justiça social.

2 CONTRIBUIÇÕES PARA UM LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

O letramento, enquanto prática social da leitura e da escrita, transcende a mera aquisição de códigos linguísticos e insere-se em contextos de produção de sentidos, valores e identidades. Segundo Soares (2003), letramento diz respeito ao uso competente e funcional da língua escrita nas práticas sociais. Ampliando esse conceito, autores como Street (2010) destacam os múltiplos letramentos, que compreendem não apenas as competências técnicas, mas os sentidos culturais e ideológicos envolvidos nas práticas letradas.

Nessa perspectiva, compreender o letramento como prática social implica reconhecer que toda leitura e toda escrita são atravessadas por relações de poder, contextos históricos e experiências socioculturais diversas. Assim, alfabetizar é também introduzir as crianças em um universo simbólico no qual se aprendem modos de ver o mundo e de nele intervir, tornando o processo educativo um espaço de negociação de significados e de construção de identidades plurais.

Nesse contexto, o letramento racial crítico emerge como um campo de estudo e ação que articula os estudos sobre linguagem, identidade e relações étnico-raciais. Ferreira (2014; 2015) introduz o conceito no Brasil a partir do diálogo com os Estudos Culturais e a Teoria Racial Crítica (Critical Race Theory), proposta inicialmente por Ladson-Billings e Tate (1995) nos Estados Unidos. O letramento racial crítico propõe a leitura crítica do mundo a partir das experiências racializadas, desnaturalizando os discursos hegemônicos que reproduzem o racismo estrutural e epistêmico na sociedade e na escola.

Ao deslocar o foco da neutralidade aparente da linguagem para as dimensões políticas e ideológicas do discurso, o letramento racial crítico convoca educadores e estudantes a questionarem o lugar de fala, as



ausências e os silenciamentos presentes nas narrativas oficiais. Esse movimento permite visibilizar saberes e experiências marginalizadas, abrindo espaço para novas epistemologias e práticas pedagógicas comprometidas com a transformação social.

Para Hooks (2013), a linguagem é um campo de disputa e resistência. Ao discutir a pedagogia engajada, a autora afirma que é necessário “ensinar a transgredir”, promovendo práticas educativas que rompam com o silenciamento e a exclusão de vozes subalternizadas. Nesse sentido, a sala de aula deve ser um espaço de escuta e valorização das experiências negras, indígenas e periféricas, especialmente nos primeiros anos de escolarização, momento formativo crucial na constituição da identidade das crianças.

Gomes (2005; 2017) ressalta que o reconhecimento e a valorização da identidade racial negra são componentes fundamentais de uma educação antirracista. Ao analisar as práticas escolares, a autora observa que a invisibilização de conteúdos afro-brasileiros nos currículos compromete a formação de sujeitos críticos e conscientes da diversidade que compõe o Brasil. Assim, os materiais didáticos, as narrativas literárias e os referenciais estéticos devem refletir a pluralidade étnico-racial e contribuir para a construção de um pertencimento positivo entre os estudantes negros e não negros. Além disso, é imprescindível que os educadores assumam uma postura investigativa e reflexiva sobre suas próprias concepções de raça, identidade e cultura, compreendendo que o combate ao racismo não se resume à inclusão de conteúdos, mas requer uma mudança profunda de mentalidades e práticas pedagógicas.

A infância, por sua vez, deve ser compreendida em sua dimensão política e cultural. De acordo com Sarmento (2003), as crianças são sujeitos sociais que constroem significados e participam ativamente dos processos educativos. O ciclo de alfabetização, portanto, é uma etapa estratégica para a inserção de práticas de letramento racial crítico que considerem a escuta das crianças, a mediação de obras literárias com protagonismo negro e a problematização das relações raciais no cotidiano escolar.

Ao reconhecer as crianças como produtoras de cultura e de sentidos, a escola amplia sua função social, transformando-se em um espaço de convivência democrática e de valorização das diferenças. Essa perspectiva favorece o desenvolvimento da empatia, do respeito e da consciência crítica desde a infância, pilares fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Por fim, Freire (1996; 2005) nos convida a pensar a educação como prática da liberdade. A leitura de mundo antecede a leitura da palavra e ambas devem caminhar juntas, permitindo que os estudantes se reconheçam como sujeitos históricos capazes de transformar a realidade. Inserir o letramento racial crítico na alfabetização é, portanto, um ato pedagógico e político que visa à formação de cidadãos mais justos, conscientes e solidários. Essa inserção demanda coragem epistemológica e compromisso ético por parte dos educadores, pois implica romper com modelos tradicionais e eurocentrados de ensino, assumindo uma pedagogia pautada na justiça, na diversidade e na humanização. Dessa maneira, o letramento racial crítico



se consolida como uma potente ferramenta de emancipação e de reexistência frente às estruturas de opressão que ainda atravessam a escola e a sociedade.

3 CAMINHOS ÉTICOS E INVESTIGATIVOS PARA A COMPREENSÃO DO LETRAMENTO RACIAL NO COTIDIANO ESCOLAR

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório e interpretativo, fundamentada na perspectiva da pesquisa documental e na análise de narrativas pedagógicas presentes em relatos de experiência, artigos científicos e dissertações de mestrado que abordam práticas de letramento racial nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A opção por essa abordagem justifica-se pela natureza subjetiva do objeto investigado, que demanda atenção às vozes, contextos e sentidos produzidos nas práticas educativas cotidianas.

Essa escolha metodológica reflete o compromisso com uma epistemologia que reconhece o valor das experiências e dos saberes docentes como fontes legítimas de produção de conhecimento. Ao considerar as narrativas pedagógicas como documentos vivos, o estudo busca compreender não apenas o que é dito, mas como e por que determinadas práticas emergem, revelando intencionalidades, resistências e possibilidades no campo da educação antirracista.

A pesquisa qualitativa permite a compreensão de fenômenos sociais em sua complexidade, valorizando os significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos e a análise crítica dos contextos. Segundo Bogdan e Biklen (1994), esse tipo de investigação busca interpretar o mundo social a partir da perspectiva dos participantes e dos sentidos que eles atribuem às suas vivências. Dessa forma, prioriza-se a escuta sensível das narrativas docentes e a análise de materiais que explicitam ações pedagógicas antirracistas, desenvolvidas principalmente no ciclo de alfabetização.

Essa abordagem também possibilita uma aproximação mais empática e dialógica com o objeto de estudo, permitindo que as interpretações se construam de maneira compartilhada entre pesquisador e realidade investigada. Assim, o processo analítico torna-se uma prática reflexiva e crítica, que não se limita à descrição dos dados, mas busca compreender os significados políticos, sociais e afetivos subjacentes às práticas educativas.

O corpus documental foi composto por produções acadêmicas publicadas entre os anos de 2015 e 2025, selecionadas por meio de critérios de relevância temática, alinhamento teórico-metodológico e aplicabilidade prática. Foram privilegiadas experiências que demonstram a intencionalidade pedagógica em torno da promoção do letramento racial crítico, com foco na mediação de obras literárias afrocentradas, na abordagem das relações étnico-raciais e na formação identitária das crianças.

A diversidade de fontes permitiu identificar tendências, desafios e inovações presentes nas práticas educativas analisadas, revelando como diferentes contextos escolares têm se apropriado do debate sobre



letramento racial. Além disso, a seleção criteriosa dos materiais buscou garantir representatividade geográfica e teórica, abrangendo produções oriundas de distintas regiões e instituições, o que amplia a validade interpretativa dos achados.

A análise dos dados baseou-se na técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), com foco na identificação de categorias emergentes relacionadas à presença do letramento racial no planejamento docente, à articulação entre leitura de mundo e leitura da palavra e à valorização das narrativas negras na construção de identidades positivas. O processo analítico ocorreu em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Do ponto de vista ético, por tratar-se de pesquisa com base em documentos públicos e experiências já consolidadas, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética. No entanto, preservou-se a integridade intelectual dos autores analisados, com as devidas referências às fontes originais. Ainda assim, a pesquisa foi conduzida sob princípios éticos de respeito, transparência e responsabilidade social, reconhecendo o papel político da produção científica na promoção de uma educação antirracista e humanizadora.

Assim, esta trajetória metodológica busca compreender como práticas educativas comprometidas com a justiça racial podem ser identificadas, sistematizadas e potencializadas no contexto da alfabetização, contribuindo para a consolidação de um currículo mais plural, equitativo e transformador. Dessa forma, a metodologia aqui delineada não se encerra em uma perspectiva técnica, mas se constitui como um gesto político-pedagógico que reafirma o compromisso da pesquisa com a transformação social e com a construção de uma escola que reconhece, valoriza e celebra a diversidade étnico-racial brasileira.

4 DIÁLOGOS ENTRE PRÁTICA E REFLEXÃO: ANÁLISE CRÍTICA DE EXPERIÊNCIAS COM O LETRAMENTO RACIAL NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

A análise das práticas pedagógicas documentadas revelou a potência de ações educativas intencionais no enfrentamento do racismo e na promoção de uma alfabetização racialmente crítica. Em diversas experiências, observa-se a valorização da literatura infantil como recurso central na construção de narrativas de pertencimento e na problematização das desigualdades étnico-raciais. Obras como "O cabelo de Lelê", "As tranças de Bintou" e "Betina" foram mediadas com o intuito de ampliar a representatividade negra e instigar reflexões sobre identidade, autoestima e diversidade.

Essas mediações foram frequentemente acompanhadas por rodas de conversa, produções textuais e artísticas, e pela escuta atenta das percepções das crianças. Como aponta Oliveira (2019), ao interagirem com personagens negros protagonistas, os estudantes ampliam seu repertório simbólico e são convidados a ressignificar os estereótipos racializados que permeiam o imaginário social e escolar.



Outro aspecto recorrente nas experiências analisadas foi a centralidade da formação docente continuada para a implementação do letramento racial crítico. A maioria das práticas bem-sucedidas esteve ancorada em projetos institucionais de pesquisa-ação, parcerias com universidades ou programas de formação antirracista. Como defendem Ferreira (2015) e Barros (2024), a qualificação docente para o trabalho com as relações étnico-raciais é condição indispensável para que essas ações deixem de ser pontuais e passem a compor o cotidiano pedagógico da escola.

Destaca-se ainda o papel da escola como espaço de produção de subjetividades. Em relatos como o de Costa (2022), observa-se que, ao serem reconhecidas e valorizadas, as crianças negras passam a participar com maior engajamento das atividades escolares, o que contribui não apenas para seu desenvolvimento acadêmico, mas também para sua formação cidadã. Por outro lado, a ausência de práticas antirracistas contribui para o silenciamento, a evasão simbólica e o adoecimento psíquico desses estudantes.

Por fim, nota-se que o letramento racial crítico, quando inserido no ciclo de alfabetização, permite articular leitura, escrita e consciência racial de forma integrada. Essa articulação é essencial para que a alfabetização cumpra seu papel de formar sujeitos letrados e politicamente sensíveis às dinâmicas sociais que estruturam o mundo em que vivem.

A próxima seção apresenta as considerações finais, retomando os principais achados e sugerindo desdobramentos possíveis para futuras ações pedagógicas e pesquisas na área.

5 CAMINHOS FINAIS: SÍNTESES, CONTRIBUIÇÕES E POSSIBILIDADES FUTURAS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

As análises realizadas ao longo deste artigo evidenciam que o letramento racial crítico é uma ferramenta pedagógica essencial para a promoção de uma educação antirracista nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao articular leitura, escrita e consciência racial, o letramento racial crítico permite que crianças pequenas desenvolvam uma percepção ampliada de si mesmas, do outro e do mundo, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e para a valorização da diversidade.

Constatou-se que práticas pedagógicas que incorporam a literatura afrocentrada, a escuta sensível das infâncias e a formação continuada dos professores são potentes instrumentos de enfrentamento ao racismo estrutural. As experiências analisadas apontam para a urgência de políticas públicas que garantam a implementação sistemática e contínua da Lei nº 10.639/2003, bem como a necessidade de revisão dos currículos escolares, materiais didáticos e processos formativos sob a perspectiva das relações étnico-raciais.

Ademais, destaca-se o papel estratégico da escola como espaço de formação cidadã e de produção de subjetividades. Ao reconhecer e valorizar as identidades negras desde o início da vida escolar, é possível



criar ambientes mais inclusivos, equitativos e acolhedores, que respeitam os direitos humanos e promovem a justiça social.

Espera-se que este estudo contribua para a ampliação das discussões sobre o letramento racial crítico e inspire educadores(as), pesquisadores(as) e gestores(as) a desenvolverem ações pedagógicas comprometidas com a transformação social. Como desdobramento, sugere-se a realização de pesquisas empíricas em contextos escolares diversos, com a participação ativa das crianças, bem como a elaboração de propostas curriculares interseccionais que articulem raça, gênero, território e classe social.

Assim, reafirma-se que a alfabetização não pode ser pensada de forma neutra. Torná-la crítica e racialmente situada é um passo fundamental para a construção de uma escola democrática, plural e humanizadora.

REFERÊNCIAS

BARROS, Patrícia Moreira. Letramento racial crítico: um estudo das experiências docentes por meio de narrativas de professores do ensino médio de uma escola pública. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2024.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

COSTA, Samara da Rosa. África em nós: práticas de alfabetização e letramento racial. Curitiba: Secretaria Municipal da Educação, 2022.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Letramento racial crítico: uma proposta de enfrentamento ao racismo na escola. In: BRASIL. MEC. SECADI. Diversidade e educação: reflexões e práticas. Brasília: MEC/SECADI, 2014. p. 157–176.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Letramento racial crítico: caminhos para uma educação antirracista. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (org.). Letramento racial crítico: reflexões e práticas. Ponta Grossa: UEPG, 2015. p. 17–39.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Educação para a igualdade racial: da intenção à prática pedagógica. In: GOMES, Nilma Lino; JESUS, Sueli Carneiro (org.). Educação e relações raciais: na prática pedagógica. Brasília: MEC/SECADI/UNESCO, 2017. p. 15–28.



HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

OLIVEIRA, Keila de. Letramento racial crítico nas séries iniciais do Ensino Fundamental I a partir de livros de literatura infantil: os primeiros livros são para sempre. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *Sociologia da infância: correntes e contextos contemporâneos*. Revista Estudos de Sociologia, Araraquara, v. 9, n. 17, p. 9–30, 2003.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STREET, Brian V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução de Robson Nascimento. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.